

# Um Sonho Quase Real

*Romance e Aventura*

Priscilla Quaresma

---



Aos meus pais que sempre foram presentes, que nunca deixaram de acreditar e investir nos meus sonhos.

Dedico este livro à evolução humana.  
Os homens primitivos conseguiram desenvolver a escrita,  
magnífica criação própria da espécie Homo sapiens.

Um sonho quase real, por Priscilla Quaresma

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Q1s Quaresma, Priscilla.  
Um sonho quase real / Priscilla Quaresma. – 2. ed. – Recife:  
[s.n.], 2023.  
174 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-471-0833-5

1. Romance – Ficção. 2. Literatura brasileira.  
I. Título.

0823-22

CDD B869.3

**Ficha catalográfica elaborada por Débora Soares Vicente de  
Santana – Bibliotecária CRB-9/1914**

Índice para catálogo sistemático:  
1. Romance brasileiro B869.3

**Todos os direitos reservados.**

**As músicas, poesia e trechos citados de outros autores têm  
seus direitos autorais exclusivos e reservados aos criadores  
dos mesmos.**

## **Alerta de gatilhos e temas sensíveis (Livro 1):**

A primeira versão do livro *Um sonho quase real* foi escrita em 2002\2003. Ao longo dos anos o texto foi estudado, lapidado, revisado, e tomou mais corpo nas ambientações, narrativas e descrições de cenas, como também, nos detalhes da personalidade de cada personagem. Trata-se de uma obra que aborda fatos verídicos da história do Brasil casados com ficção e fantasia. De maneira prudente e sensível, e a fim de preparar o leitor para os temas abordados, seguem os alertas:

- O enredo da obra aborda uma relação heteroafetiva, em que um personagem figura como detentor de poder e o outro numa posição de submissão;
- Dependência emocional entre os personagens protagonistas;
- Descrições de sexo explícito entre os protagonistas;
- Escravidão no contexto da era Pré-Colonial do Brasil;
- Primeira gravidez e parto doloroso;
- Momentos melancólicos em que a protagonista sente solidão e abandono;
- Relato de cenas violentas de abuso sexual e sequestro.

Se você se sente desconfortável com qualquer destes temas, a leitura deste livro não é indicada. Também é importante frisar que a obra é recomendada para leitores maiores de 16 anos de idade.

Boa leitura!

## Índice

A aula de história.....	7
O dia esperado.....	16
Homem perfeito.....	26
A colônia de Portugal.....	43
A primeira noite.....	61
As aulas de alfabetização.....	75
O sonho de Fernão.....	89
A inauguração das caravelas.....	106
A segunda expedição.....	116
As damas da corte.....	125
A espera das caravelas.....	138

A chegada das caravelas.....	148
Os herdeiros de Dom Fernão.....	156
Agradecimentos.....	170
História do livro.....	171
Biografia.....	173

## **A aula de história**

Tudo começou...

— Por favor, silêncio! – falou a professora Carolina entrando na sala de aula.

Era um dia de quarta-feira ensolarado e eu estava no Colégio Américo Vespúcio cursando o ensino médio e sem saco para assistir aula de História do Brasil. Até que eu gostava das aulas e da professora, mas naquele dia a preguiça estava instalada em mim. É claro que a professora precisava chamar alguém de forma impactante na tentativa dos outros alunos acordarem.

— Maya! Por favor, me fale qual o conteúdo que iremos debater hoje?

Tremi. Não lembrava em que parte paramos na aula anterior, afinal, eu estava voando nas nuvens – mas resolvi assumir:

— Desculpa, professora Carolina. Eu não estava atenta e não lembro sobre o tema que a senhora abordou na aula passada – acho que fui sincera.

— Tudo bem, espero que não aconteça novamente – então, ela falou sobre o conteúdo dado. — Bem, estávamos falando de Dom Fernão de Noronha e sobre outros comerciantes da história do Brasil quando se

tornou colônia de Portugal, eles participaram da segunda expedição exploradora...

A aula parecia interessante e comecei imaginando como foi uma aventura viajar dias para chegar em uma terra onde, somente, existiam índios, com isso, anotei tudo no meu caderno de dez matérias. A professora continuou:

— O desejo desses comerciantes de explorar o novo mundo era tão grande que, mesmo sabendo das dificuldades e da imensidão das terras, eles, homens de negócios, se engajaram na expedição. Como falei antes, dentre eles, estava o rico comerciante Fernão de Noronha, como outros comerciantes, ele assinou um acordo com o rei de Portugal; neste contrato os comerciantes poderiam extrair o pau-brasil desde que pagassem tributos ao rei. Além do pagamento de tributos, os comerciantes assinaram o acordo de enviar anualmente ao Brasil seis navios para explorar nosso litoral e construir feitorias destinadas à proteção das terras e armazenamento de pau-brasil. Foi nessa expedição que Dom Fernão de Noronha instalou a primeira capitania no Brasil: a Capitania de São João, fundada em 1503 e que hoje tem o nome de Fernando de Noronha.

Depois que a professora terminou de explicar sobre os comerciantes, ela abriu espaço para tirarmos dúvidas sobre o conteúdo. Até que, aquele assunto me despertou muita curiosidade, então fiz a primeira pergunta:

— Professora, foi permitido que esses comerciantes levassem seus familiares na expedição?

— Não, as embarcações eram precárias principalmente para viajar por meses. Eles preferiram deixar suas esposas, às vezes, grávidas ou com outros filhos pequenos, porque o risco de ser contaminado por doenças letais era grande.

Eu agradei e outros alunos tiraram suas dúvidas. E chegando ao final da aula, ela acrescentou:

— Então, agora posso falar sobre o trabalho. Vocês farão uma redação cujo tema será: “Brasil: Colônia de Portugal” terão quinze dias para escrever e o professor Rodrigo, de Redação, entregará o enunciado com todos os detalhes, na próxima aula dele.

Parecia que estava tudo sincronizado, na mesma hora que ela terminou de falar o sinal tocou e mais uma manhã se foi.

Saindo da escola, ele estava me esperando próximo à parada do ônibus. Ele me beijou rapidamente e perguntou:

— Como foi sua manhã na escola?

— Foi legal, mas a mesma coisa de sempre, além de um trabalho de redação que talvez eu escreva algo sobre Dom Fernão de Noronha, mas estou sem ideia – depois olhei para ele e dei um sorriso solicitando — A não ser que você me ajude, que tal?

Ele respondeu como sempre, dizendo sim para os meus pedidos:

— Claro, Maya! Mas, lembra de falar com sua mãe antes, podemos ir à Biblioteca Pública Estadual, aquela, que fica em Santo Amaro, e lá pesquisamos sobre esse, Dom Fernão de Noronha – fez uma carinha de desdém.

— Boa ideia! – eu disse e continuei — Você é um ótimo namorado, sabia?

Ele se chama Lucas, acho que ele ocupa meu coração faz um tempo, mas somos muito amigos também, ele tem dezoito anos, está estudando para o vestibular. Minhas amigas dizem que ele é muito atencioso e carinhoso comigo. Geralmente quando o elogio, ele dá um sorriso sem graça e me abraça pela cintura. É super fofo! Claro, que foi o que aconteceu dessa vez e depois continuei:

— Amanhã terei mais detalhes porque o professor de redação passará o enunciado e acho que vai ajudar mais.

— Nos resta aguardar. Você me fala e depois combinamos uma visita à biblioteca, às vezes fico estudando lá no espaço de leitura – falou Lucas animado.

Concordei com a ideia dele. Chegando na casa que moro com meus pais, que fica entre o Colégio Américo Vespúcio e a casa de Lucas, esperei mainha chegar juntamente com minha irmã para contar para elas sobre o trabalho da escola e a ajuda de Lucas, como também, a

nossa pesquisa na biblioteca. Como não irei sozinha, minha mãe concordou.

No dia seguinte na escola, o professor Rodrigo de redação chegou à sala de aula e falou logo sobre o enunciado que dizia:

— “Discorra uma redação cujo tema é Brasil: Colônia de Portugal. Nessa redação fale sobre um personagem da época, incluindo você como alguém que tenha contato com o personagem principal, também descreva dois amigos e crie uma história com 30 linhas na terceira pessoa do singular e com narrativa”.

Aproveitei e pedi ao professor para dar exemplos de como criar a redação. Ele deu dois exemplos e ficou bem claro como fazer aquela redação que parecia ser tão complicada, logo vieram mais algumas ideias e comecei rabiscando no meu caderno.

Quando saí da escola, lá estava ele novamente. Lucas me esperava do outro lado da rua. Ele me cumprimentou como de costume com um beijo na testa e outro super desejável na boca, perguntou como eu estava e antes da resposta ele disse:

— Você conseguiu falar com sua mãe sobre nossa ida à Biblioteca Estadual?

— Antes de tudo, estou bem. Mainha... – Eu disse misteriosa.

— A sua mãe? – perguntou Lucas.

— Ela deixou, é claro – falei sorrindo.

Rimos e seguimos o caminho dessa vez, andando, pelo calçadão da praia de Boa Viagem até a minha casa. Debates sobre o enunciado do professor e ele falou que ajudou muito para pesquisarmos algo na Biblioteca Estadual, que fica localizada no bairro de Santo Amaro, na cidade do Recife, próximo de onde moramos. Chegando à minha casa, ele falou:

— Que pena, chegamos!

— Vou indo, acho que mainha chegou! – falei ao me despedir.

— Tudo bem. Então, quando vamos à biblioteca? – perguntou Lucas.

— Já que depois de amanhã é sexta-feira e não tenho aula à tarde, podemos ir, mas depois combinamos a hora exata para você me buscar na escola. Pode ser? – meio que decidi.

— *Ok.* – Ele concordou.

Ele sempre topava minhas aventuras. Depois fui almoçar, tomei banho, troquei de roupa e peguei o livro de história para dar uma lida no assunto da aula de ontem. Não sei por que, mas a vida daqueles comerciantes me deixou imaginando como eles eram, o que comiam, o que vestiam, enfim fiquei curiosa principalmente sobre a vida de Dom Fernão de Noronha, acho que essa paixão veio da ligação que ele tem com a

ilha de Fernando de Noronha, o paraíso de Pernambuco. Eu já fui lá e realmente é um paraíso.

Com isso veio o desejo de pesquisar mais sobre Dom Fernão de Noronha e a ilha. Também comecei a imaginar como era a família dele, isso é, se ele tinha família e acho que me imaginei no lugar da esposa dele dentro daqueles vestidos enormes e lindos. Passei o resto da tarde pensando sobre a vida de Fernão de Noronha. Nessas alturas, ele já era o meu príncipe encantado. Afinal, todas as garotas da minha idade têm um príncipe e eu não poderia deixar de ter um, não é mesmo?

Os dias passaram rápido e chegou à sexta-feira, hora de ir para a escola e para não sair do costume, escovei os dentes e troquei de roupa nas carreiras porque estava em cima da hora, mas cheguei à escola há tempo da última pessoa entrar na sala de aula. Minhas amigas Bia e Malu guardaram um lugar para mim na segunda fileira.

Passei a manhã contando as horas para encontrar Lucas e irmos à biblioteca, com isso, pensei que ele poderia almoçar na minha casa hoje e ganhamos mais tempo.

A sirene da escola tocou para o outro intervalo, corri, fui ao orelhão do pátio porque eu não podia levar o celular para a escola, liguei para Lucas e fiz o convite para o almoço. Ele desmarcou o que tinha para fazer e aceitou

meu convite, ao desligar, vibrei como um torcedor do Brasil na Copa Mundial de Futebol. Paguei o maior mico, mas não estava nem aí para os outros alunos. O que importava naquele momento era que estava tudo pronto! Agora só era esperar o toque para sair da escola e encontrar com Lucas.

Por fim o último sinal tocou e como estava ansiosa fui a primeira sair da sala de aula, chegando à portaria, ele não estava lá. Logo hoje ele inventa de se atrasar! Esperei uns 20 minutos, eu estava impaciente, assim, resolvi ir andando sem ele. Chegando à esquina do quarteirão, o avistei correndo. Quando chegou perto de mim, ele me beijou e foi logo se explicando, cansado:

— Desculpa! Tive que resolver uma *treta* para minha mãe de última hora, mas já está tudo certo.

— Tudo bem, sem estresse. Vamos que eu estou com muita fome – preferi assumir, mas existia uma pontinha de ansiedade também.

Chegamos na minha casa mais rápido que as outras vezes. Almoçamos, comemos sobremesa e enquanto ele descansava o almoço na sala de vídeo, fui tomar banho. Peguei a primeira roupa que vi no guarda-roupa e vesti, penteei o cabelo, passei perfume e desodorante, peguei a mochila e chegando à sala Lucas *tirou onda* comigo.

Ele deu um assobio com elogios. Me senti linda, agradei e fomos pegar um ônibus para a tão esperada biblioteca.

Quando chegamos a biblioteca estava lotada. Esperamos uma hora mais ou menos na fila para falar com a moça do balcão e chegando finalmente minha vez, solicitei os livros que falavam sobre o Brasil quando foi colônia de Portugal ou até mesmo sobre Dom Fernão de Noronha. Ela me entregou seis livros muito grossos. Lucas me ajudou a carregá-los para uma mesa na sala do xerox e passamos a tarde toda copiando as partes que achamos importante. Em um dos livros, encontrei uma foto de Dom Fernão e fiquei surpresa, ele era bem diferente do que imaginei e dos meus sonhos de príncipe encantado. Preferi ficar pensando na imagem que eu idealizei do que na imagem dos livros. No final da tarde tínhamos uma boa quantidade de pesquisa, então perguntei:

— Acho que está bom, concorda?

Lucas balançou a cabeça positivamente, recolhemos as cópias e devolvemos os livros para a moça do balcão.

## O dia esperado

Chegando à parada do ônibus começou a chover, e claro, levamos o maior banho. Graças ao meu pedido aos anjos, o ônibus chegou. Entramos, parecia que estávamos dentro de uma geladeira, o ar-condicionado estava com a temperatura muito baixa e ainda estávamos molhados, o meu queixo batia muito e o meu corpo tremia de frio, Lucas me abraçou para me aquecer. Melhorou um pouco, mas ainda fazia frio. Continuava chovendo quando cheguei à parada da minha casa.

Eu desci do ônibus e Lucas continuou no mesmo ônibus para a casa onde ele morava. A rua estava deserta por causa da chuva, então preferi correr com medo de assalto e também porque os dias de chuva no Recife sempre são um caos. As ruas alagam rapidamente e as pessoas preferem permanecer seguras em suas casas.

Entrei em casa espirrando muito, mas a maior preocupação era com as cópias das pesquisas. Quando as tirei de dentro da mochila percebi que dava para salvá-las. As cópias estavam um pouco úmidas, as deixei estiradas na mesa da sala para secar e fui trocar de roupa para não pegar uma gripe.

Mainha me ajudou a secar o cabelo e me deu Vitamina C. Depois, comecei a escrever a redação com o

rascunho do caderno que fiz na aula do professor Rodrigo e as cópias das pesquisas, ajudaram bastante.

Pela primeira vez, me dei conta que entendi errado. Acho que o meu desejo falou mais alto porque entendi que era para fazer uma redação sobre Dom Fernão de Noronha e não existia essa especificação. Mesmo relendo o enunciado do professor, somente penso em escrever a redação me envolvendo com ele como sua esposa, mergulhei nessa fantasia.

Com muito apaga aqui e apaga ali, consegui escrever a redação. Aproveitei que no dia seguinte não tinha aula e fui dormir tarde para terminar tudo de uma vez.

Não teve jeito, acordei de madrugada com dor no corpo, muito frio e senti que estava queimando de febre, fui ao quarto dos meus pais e mainha me deu um remédio na tentativa de diminuir os sintomas. Voltei para o meu quarto, acho que resolveu um pouco e consegui adormecer.

No dia seguinte acordei ainda com febre. Mainha tinha acabado de entrar no quarto para saber se eu estava melhor. Depois comi, tomei um banho frio, e deitei para esperar a febre passar. Lucas ficou sabendo que eu estava doente quando ligou para mainha porque não escutei meu celular tocar. Quase meia-hora depois ele